

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NOS ANOS INICIAIS: VIVÊNCIAS DO PIBID EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE FORTALEZA

Larissa Karen de Paula Gomes¹; **Douglas Nonato Silva da Conceição Dos Santos**²; Gabriel Linhares de Sousa³; Regina Márcia da Silva Gomes⁴; José Pedro Guimarães da Silva⁵

¹Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil, larissa.paula@aluno.uece.br

²Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil, douglas.nonato@aluno.uece.br

³Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil, regina.gomes@aluno.uece.br

⁴Professor da Prefeitura de Fortaleza (PMF), Fortaleza, Ceará, Brasil, gabriel.linhares@educacao.fortaleza.ce.gov.br

⁵Professor do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil, pedro.guimaraes@uece.br

Resumo: Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, discute um relato de experiência de bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do núcleo de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Este estudo objetiva descrever as intervenções pedagógicas desenvolvidas no âmbito do PIBID, voltadas ao fortalecimento da identidade racial de estudantes do 3º ano dos anos iniciais do ensino fundamental. As atividades foram desenvolvidas em uma escola da rede pública municipal de Fortaleza, dentre as intervenções realizadas, destacam-se: Heteroidentificação: “Quem sou eu?”, que consistiu em uma breve apresentação acerca dos conceitos trabalhados, seguida da utilização de cartelas com diferentes tons de pele e de um momento de diálogo com a turma, uma roda literária com a contação do livro Educando crianças antirracistas, da intelectual Bárbara Carine, e uma atividade de autorretrato, intitulada “Como eu me vejo”. Ressalta-se que a escola, muitas vezes, reforça a ideia de subalternidade e o silenciamento da população negra, apresentando uma narrativa histórica restrita à branquitude. Portanto, ficou perceptível a urgência de uma educação antirracista que valorize as identidades das crianças negras, nesse sentido, foram desenvolvidas práticas pedagógicas antirracistas para os educandos.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Educação Antirracista. PIBID. Formação Inicial.

Introdução

A educação antirracista vai além de práticas de “não racismo”, reconhecendo que o racismo persiste e ainda existe na sala de aula e na sociedade. Conforme Pinheiro (2023) trata-se de intervir e conscientizar diante de qualquer prática desrespeitosa contra a comunidade negra, promovendo o respeito, a equidade e a valorização da diversidade. Não é apenas o docente negro que deve assumir essa postura, mas também o docente branco, que, por vezes, se esquivava da temática da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) por acreditar que ela não tem relação com sua perspectiva ou vivência (Bento, 2022). Contudo, a responsabilidade pelo enfrentamento ao racismo é coletiva e deve ser assumida por todos os profissionais da educação.

Portanto, reconhece-se o papel da escola na vida dos educandos, pois a escola é um complexo social fundamental no processo de transformação da realidade social; ela é influenciada pelo sistema, ao passo que, em contrapartida, também o influencia, uma vez que forma as pessoas que vão ocupar e ajudar a construir todas as demais instâncias sociais. (Pinheiro, 2023, p. 147). Ao compreender isso, pensa-se em atividades que se comprometam com a formação desses indivíduos, preparando-os para o exercício da cidadania.

Dessa forma, este estudo tem como objetivo analisar as intervenções pedagógicas desenvolvidas no âmbito do PIBID, voltadas ao fortalecimento da identidade racial de estudantes do 3º ano do ensino fundamental. Busca-se, simultaneamente, refletir sobre as contribuições dessas vivências para a formação de uma prática docente comprometida com a educação antirracista no contexto das periferias urbanas.

As atividades desenvolvidas estão voltadas para história e ensino da cultura afro-brasileira, que teve início na sua obrigatoriedade com a lei 10.639/2003 (Brasil, 2003), que tem como objetivo promover uma educação antirracista, valorizando a identidade afro-brasileira e a diversidade cultural, porém a mesma foi revisada para a lei 11.645/2008 (Brasil, 2008), que ampliou a obrigatoriedade para o estudo da história e cultura indígena.

Este estudo consiste em um relato de experiência de abordagem qualitativa, fundamentado nas vivências de bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). As atividades foram desenvolvidas na Escola Municipal Francisco Nunes Cavalcante, em Fortaleza, junto a uma turma de 3º ano dos anos iniciais do ensino fundamental, composta majoritariamente por estudantes negros entre 8 e 9 anos, residentes na periferia da cidade.

O relato descreve três intervenções pedagógicas "Heteroidentificação: Quem sou eu?", a mediação de leitura da obra *Como Educar Crianças Antirracistas*, de Bárbara Carine, e a oficina de autorretrato "Como eu me vejo". A análise das práticas dialoga com os referenciais de Cavalleiro (2024), Ribeiro (2019) e Pinheiro (2023), cujas contribuições orientam a discussão sobre educação antirracista e o fortalecimento da identidade racial no contexto escolar.

Resultados e Discussão

A implementação de práticas antirracistas no cotidiano escolar é fundamental para que crianças negras reconheçam seu pertencimento étnico-racial desde a infância. As intervenções relatadas buscaram preencher lacunas de representatividade, oferecendo aos estudantes experiências de valorização muitas vezes ausentes em suas trajetórias. Afinal, a negação desse reconhecimento pode comprometer o processo de aprendizagem, pois a ausência de identificação com o ambiente escolar gera um distanciamento subjetivo e pedagógico do educando em relação à escola.

As três atividades realizadas possibilitaram aos bolsistas de iniciação à docência a prática docente durante o período de graduação. As intervenções consistiram em propostas pedagógicas antirracistas, com o objetivo que os educandos ressignificassem o olhar sobre si mesmos e sobre seus colegas, contribuindo positivamente para o fortalecimento de seu pertencimento étnico.

Apesar da crescente no número de pessoas se autodeclarando negras (pretos e pardos) no Brasil nos últimos anos, na terceira infância, pouco se discute a qual grupo racial você pertence. Dito isso através de uma análise do perfil da turma e atividades de conhecimentos prévios voltados para educação antirracista, foi constatado que mesmo sendo crianças negras, os educandos pareciam não ter a própria identidade racial fortalecida.

Nessa perspectiva, organizaram-se duas intervenções interligadas. Considerou-se, inicialmente, a necessidade de que os estudantes reconhecessem seu pertencimento racial, entendendo que experiências dessa natureza contribuem para o fortalecimento identitário, a valorização da ancestralidade e o respeito no ambiente escolar. Observou-se que alguns estudantes reproduzem discursos familiares marcados por termos pejorativos relacionados à

negritude. Assim, realizou-se a primeira intervenção, intitulada “Heteroidentificação: Quem sou eu?”.

A segunda atividade ocorreu em continuidade, na qual trabalhou-se com o livro “Educando crianças antirracistas”, de Bárbara Carine. A obra, bastante ilustrada e adequada à faixa etária, despertou o interesse da turma. O formato de roda literária favoreceu o diálogo a cada página, pois os educandos se identificavam com as situações apresentadas ou recordavam experiências vivenciadas por colegas. Na ocasião, também foram disponibilizados outros livros infantis relacionados à temática, ampliando o contato com diferentes narrativas e incentivando a leitura na infância.

A terceira atividade consistiu na elaboração de autorretratos, nos quais os estudantes foram incentivados a representar a si mesmos utilizando uma paleta de lápis de cor com diversos tons de pele. Essa etapa serviu como um importante instrumento de avaliação qualitativa, permitindo observar como as crianças se percebiam e se valorizavam após as intervenções anteriores, consolidando o reconhecimento de suas características fenotípicas de forma positiva.

Para aprofundar a descrição e análise das atividades desenvolvidas, esta seção foi subdividida em três subseções. Em cada uma delas, examinam-se os resultados das atividades propostas, evidenciando como a interação com os estudantes do 3º ano revelou processos de construção de identidade e pertencimento racial.

1. “Quem sou eu?”: Identidade Racial no Cotidiano Escolar

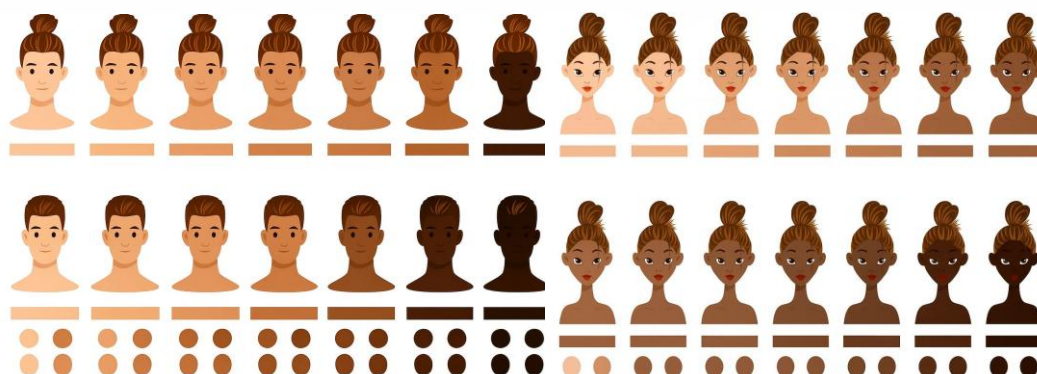
A escola possui bases historicamente brancas, uma vez que, inicialmente, a população negra foi proibida de frequentar o ambiente escolar. Como afirma Ribeiro (2019, p. 24), “O mundo apresentado na escola era o dos brancos, no qual as culturas europeias eram vistas como superiores, o ideal a ser seguido”. Nessa citação, a autora evidencia como a escola reproduzia uma lógica excludente e eurocêntrica. Diante disso, a promoção de atividades voltadas para o pertencimento étnico assume um papel essencial. Por vezes, crianças negras são taxadas como inferiores, ouvindo que sua cor não é bonita ou que não corresponde a um padrão. Assim, é necessário romper com as estruturas racistas presentes na sala de aula, pois até mesmo o não abordar a temática constitui uma forma de silenciar e enfraquecer o processo de fortalecimento da identidade.

Durante a observação da turma, surge a necessidade de desenvolver uma atividade voltada para determinar quem são eles, como são lidos socialmente, uma vez que ao se sentir representado a criança consegue se desenvolver mais e se sentir pertencente a aquele local e construir sua identidade. Pensando nisso, foi planejada a atividade de heteroidentificação, nomeada em Heteroidentificação: “Quem sou eu?”. Consiste em apresentar os cinco grupos de cor e raça vigentes no Brasil que fazem parte do censo de autodeclaração, com objetivo de fazer as crianças se sentirem pertencentes a um dos grupos apresentados

A atividade foi realizada em setembro de 2025, inicialmente foram formuladas perguntas norteadoras, baseadas na questão raça e cor para identificar os conhecimentos prévios dos alunos; após isso os bolsistas por meio da utilização de eslaides apresentaram os tons e subtons de pele; durante a visualização dos eslaides foi possível notar que muitas crianças estavam conversando com seus colegas sobre quais tons chegavam próximo aos dela e quais eram parecidos com a de seus respectivos colegas. Ressalta-se que isso é uma reação intencional, que foi pensada no planejamento da atividade, para fazer com que os alunos conversem entre eles sobre os tons que lhe foram apresentados. Em complemento, no decorrer deste momento da atividade os bolsistas de iniciação à docência apontaram a quais tons eles mesmos pertencem, parcialmente se autodeclarando.

No segundo momento da atividade foi distribuído aos alunos uma folha com diferentes personagens (figura 1) e cada um deles possui um tom de pele e ao lado outros personagens com subtons, a intenção ao distribuir essa cartela foi fazer com que os alunos destacassem um personagem que possuía a sua cor ou a mais próxima a dele.

Figura 1 - Personagens e seus tons de pele



Fonte: Dados da pesquisa.

Após os alunos conseguirem se autodeclarar em relação a sua cor, foi apresentado o gabarito dos tons e subtons, referente aos grupos raciais a que eles pertencem (figura 2), nomeando cada tom de pele: 1• Claro, 2• Pálido, 3• Luminoso, 4• Bronze, 5• Ámbar, 6• Nacarrado, 7• Ébano, 8• Mogno. Neste momento, foi possível observar a surpresa dos alunos, ao perceberem que muitos estão situados na identidade racial negra, porém logo após essa surpresa, observou-se que eles concordaram com aquela descoberta de forma positiva.

Figura 2 - Tons de Pele



Fonte: Dados da pesquisa.

Nesse momento da atividade, foi possível perceber que os alunos tinham um certo receio com o grupo racial negro, porém através da representação dos bolsistas de iniciação à docência como parte desses grupos, acabou se tornando algo mais próximo para eles, como uma figura representativa. Segundo o músico ganense Nabby Clifford (2018), o termo negro no Brasil vem carregado de um significado negativo. Com isso, o objetivo central da atividade foi que as crianças se autodeclarassem e se desmistifiquem da ideia de que os termos “preto” ou “negro” estão associados a algo negativo.

Desenvolver essa atividade com os alunos permitiu ressignificar e desconstruir preconceitos que vinham sendo impostos a palavras que representam grupos raciais, mostrar que todos nós pertencemos a algo, ajuda no processo de construção da identidade de cada um e a desconstruir estereótipos. O diálogo em sala de aula, portanto, não era algo novo para os estudantes, mas possibilitou que eles tivessem outra perspectiva sobre si mesmos e sobre os



demais colegas, ressignificando o que é ser negro e compreendendo por que essa afirmação é importante ainda no ensino regular.

2. A Contação de Histórias como Prática de Formação Antirracista

Após o desenvolvimento da primeira atividade que consistia em apresentar os grupos raciais vigentes no Brasil e por meio disso, ocasionar a autodeclaração dos alunos. Foi necessária uma segunda atividade para trabalhar as diferenças desses grupos raciais, importante ressaltar que o termo racial que se origina de raça, não é um conceito biológico e sim uma construção social.

A atividade de contação de história foi realizada em setembro de 2025, como uma continuação da primeira atividade, trabalhando a diversidade e o respeito entre elas, reforçando a importância da formação de crianças antirracistas. No primeiro momento a turma foi reunida na quadra da escola em um grande círculo, uma proposta de ir contra a forma esquematizada de fileiras e alunos um atrás do outro, assim conseguindo ter uma visão ampla de toda a turma e consequentemente sendo possível observar a diversidade que ela possui.

Imagem 1 - Roda de Leitura na Quadra



Fonte: Dados da pesquisa.



Dessa forma, foi apresentado aos alunos o livro e a história que iria ser contada, Educando crianças antirracistas, da autora Bárbara Carine (2024), ao comentar sobre o nome do livro, foi indagado as crianças se elas sabiam o significado da palavra antirracista; de forma instantânea as crianças respondem que é ser contra o racismo, porém foi perguntando a elas o que seria ser contra o racismo e quais atitudes seriam essas, a resposta dos alunos veio de forma clara: ser contra bullying e falar mal do colega pela cor dele.

Apesar das perguntas orientadoras, os bolsistas de iniciação à docência deslocam o foco da dinâmica e iniciam a leitura do livro e ao decorrer dela são apresentadas situações que mostram na prática como ser uma criança antirracista e se comportar em situações que elas ocorrem; nessa dinâmica os alunos constantemente demonstraram curiosidade na forma de se posicionar diante desses momentos. Nesse sentido, pelo fato da turma possuir uma quantidade grande de alunos autodeclarados negros, foi possível notar que muitos se sentiram afetados durante a leitura, como se já estivessem vivenciado situações semelhantes as apresentadas no livro.

Paralelamente à atividade, foi possível transformar o ambiente de contação de história em um momento para acolher esses alunos que vivenciaram essas situações de racismo. O que eles escutaram dos bolsistas de iniciação à docência na contação de história não era algo novo. No entanto, aquilo que vivenciavam não tinha nome, era encarado como uma brincadeira qualquer, mas, no fundo, os afetava. Imagine sentir o peso do preconceito e a dor de saber que sua cor é considerada um problema. É necessário nomear e explicitar para os estudantes o que é uma situação racista, a fim de enfatizar o respeito ao próximo. São situações que tanto eles quanto seus familiares já presenciaram, tornando indispensável a conscientização.

Conscientizar crianças de forma lúdica, por meio deste livro, possibilitou uma maior compreensão, pois a obra apresenta imagens ilustrativas com cores vivas e letras um pouco maiores que o padrão, o que facilita a leitura. A representação lúdica foi indispensável nesta contação de história, assim como o uso do espaço ao ar livre e de um bom ambiente para proporcionar maior calma. Percebe-se que o público ao qual os bolsistas de iniciação à docência destinaram a intervenção foi devidamente considerado.

Dessa forma, as intervenções demonstram que é plenamente viável trabalhar a educação antirracista com crianças nessa faixa etária de maneira explícita e lúdica. Ao contrário do que muitas vezes se supõe, essas ações provam que o debate sobre as relações étnico-raciais

constitui uma prática pedagógica fundamental e perfeitamente integrável ao cotidiano escolar, produzindo resultados concretos na mediação com os estudantes.

Em um segundo momento, voltado à contação de histórias, foram selecionadas obras literárias com protagonismo negro, evidenciando que a representatividade é essencial para que todos se percebam como sujeitos de suas próprias narrativas. Ao disponibilizar os livros, observou-se que as crianças, ao folhearem as páginas e interagirem entre si, iniciaram um processo espontâneo de reconhecimento e identificação com as personagens e situações apresentadas.

A realização dessas atividades permitiu que os estudantes compreendessem que, apesar das diferenças, o respeito é um valor absoluto e que o posicionamento antirracista é um aprendizado fundamental desde a infância. Além disso, as ações foram decisivas para auxiliar na construção da identidade racial de cada criança, oferecendo referências positivas que fortalecem sua autoestima e seu sentimento de pertencimento.

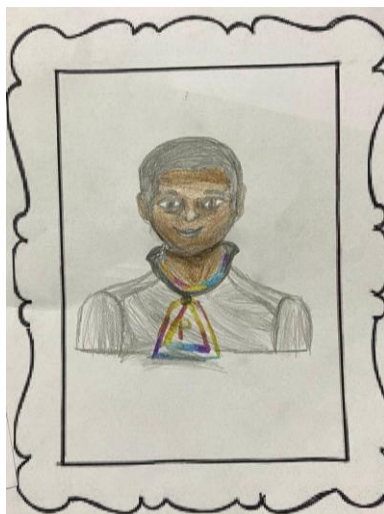
3. O autorretrato e a reafirmação da identidade

Como etapa final e síntese das vivências anteriores, realizou-se a atividade de autorretrato. Após terem passado pelas discussões sobre heteroidentificação e pela imersão em narrativas com protagonismo negro, os estudantes foram convidados a desenhar a si mesmos. Para viabilizar uma representação fiel e orgulhosa, foram disponibilizados lápis de cor em diversos tons de pele, rompendo com a limitação cromática que muitas vezes invisibiliza a diversidade étnica no material escolar convencional.

A análise dessa produção revelou que as crianças, agora sensibilizadas pelas etapas anteriores, demonstraram maior segurança e detalhamento ao retratar suas características fenotípicas. O uso das tonalidades de marrom e preto não foi apenas uma escolha técnica, mas um ato de afirmação. Observou-se que a atividade permitiu aos estudantes materializar a autopercepção construída ao longo do projeto, transformando o papel em um espaço de celebração da própria imagem.

Figura 3 - Exemplo de autorretrato pintado pelos estudantes





Fonte: Dados da pesquisa.

Assim, o autorretrato funcionou como um potente instrumento de avaliação qualitativa: ao se desenharem com atenção aos seus traços e cores, os alunos evidenciaram que o repertório antirracista trabalhado anteriormente foi absorvido e transformado em autoestima. Essa produção artística consolidou o entendimento de que a escola é um lugar de pertencimento, onde suas identidades são reconhecidas, respeitadas e valorizadas.

Como desdobramento coletivo, os autorretratos produzidos deram origem a um mural artístico, instalado no pátio central para a apreciação de toda a comunidade escolar. A exposição pública desses trabalhos não apenas conferiu visibilidade às identidades dos estudantes do 3º ano, mas também transformou o ambiente comum em um espaço de afirmação e pedagogia antirracista. Ao compartilhar suas produções com os demais turnos e turmas, o projeto extrapolou os limites da sala de aula, promovendo um momento de celebração coletiva no qual o reconhecimento e o respeito à diversidade foram colocados no centro da vivência escolar.

Considerações finais

Em conformidade com a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena, as atividades desenvolvidas evidenciaram-se como fundamentais para o processo de construção identitária dos estudantes. A dinâmica de heteroidentificação revelou que, embora as crianças possuam consciência sobre sua pertença racial, ainda reproduzem discursos e comportamentos influenciados pela estrutura racista da sociedade. Intervir nesse cenário

permitiu sulear os estudantes para uma nova perspectiva, oferecendo ferramentas para o rompimento de estereótipos e para a valorização de suas origens.

A mediação de leitura e a contação de histórias, por sua vez, resgataram a ancestralidade da palavra e apresentaram a diversidade através da obra de Bárbara Carine (2024). Esse momento configurou-se como um espaço de profundo acolhimento, no qual os alunos puderam nomear e ressignificar experiências de preconceito já vivenciadas em seus cotidianos. Ao perceberem-se representados positivamente, os estudantes foram convocados a assumir um papel ativo na luta antirracista, compreendendo que o respeito e o combate à discriminação são responsabilidades coletivas desde a infância.

Ao considerar o contexto familiar dos estudantes, percebe-se que as vivências escolares podem atuar como agentes transformadores. As crianças participantes tornam-se multiplicadoras de novos saberes, capazes de contribuir para o rompimento de ciclos de invisibilidade em suas famílias ao ressignificarem o olhar sobre si mesmas e sobre suas referências. Conclui-se, portanto, que a identidade é um processo contínuo e relacional; investir em práticas pedagógicas que fortaleçam a autoimagem e o pertencimento racial é essencial para garantir uma educação verdadeiramente democrática e humanizadora, consolidando a formação de futuros docentes comprometidos com a justiça social.

Iniciativas como esta reafirmam a importância do PIBID, fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), como uma política pública essencial para a valorização da formação docente. A experiência discutida permitiu a articulação orgânica entre o aporte teórico acadêmico e a prática no chão da escola, proporcionando aos bolsistas o desenvolvimento de saberes docentes sensíveis às demandas de uma educação comprometida com a equidade e a transformação social.

Referências Bibliográficas

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. Lei Federal n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Brasília, DF: MEC, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 26 fev.2026.

Brasil. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial

da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 26 fev. 2026.

BELANDI, C.; GOMES, I. Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda | Agência de Notícias. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2024.

PORTAL RAÍZES. Negro ou Preto? É preto - Por Nabby Clifford. Youtube, 13 de nov.2018. 1 vídeo (2:06). Disponível em: https://youtu.be/3ccWL10m4QA?si=yB16EKuyxcYV_Y5G. Acesso em: 30 fev.2026.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. *Como ser um educador antirracista*. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2023

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. *Educando crianças antirracistas*. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2024.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.